



TEOLOGIA FEMINISTA E OS DISCURSOS DE RESISTÊNCIA AO PODER HIERÁRQUICO¹

Benedita Aguiar Ferreira²
José Vaz Magalhães Neto³

INTRODUÇÃO

O feminismo nasce como movimento político e cultural de emancipação e libertação das mulheres, na sua pluralidade de realizações. Neste contexto o discurso das teólogas feministas emerge como lugar de novas experiências de vida, provocando mudanças na linguagem religiosa e na prática de algumas Igrejas cristãs.

A teologia Feminista nasce nesse ambiente novo, de fervor teológico que vem criticar o passado e o presente da Igreja patriarcal ao mesmo tempo em que cria possibilidades de um diálogo ecumênico e colabora para recumperar a participação feminina na construção de uma teologia de libertação para todos.

Ivone Gebara tece um discurso esclarecedor desta maneira de fazer Teologia Feminista, onde Teologia e Bíblia são buscas de sentido articulado com as fontes de inspiração às quais se retornam e a partir dela se tece uma nova história.

A teologia é essa espécie de busca articulada de sentido que se expressa numa diversidade de discursos indicativos da necessidade humana de viver numa relação maior, sempre maior dos limites do cotidiano.

A teologia seria o fio, poético talvez, que vai entrelaçando todas as coisas da vida, das menores às maiores, do cotidiano ao social mais amplo, da amizade ao partido político, da paixão amorosa á solidariedade internacional. É justamente esse fio tênue que segura as coisas, se modificam se rompe se reconstrói, se endurece, se afina se liga, a outros através de nozinhos quase imperceptíveis que chamo de teologia. Faz pensar na diversidade de fios que uma costureira usa para indicar por quais caminhos deve passar a máquina de costura ou a agulha para que a roupa tome a forma desejada... Minha contribuição é, pois, limitada, assim como a contribuição de cada uma de nós, mas suficientemente aberta para ser costurada pelos fios do sentido buscado em conjunto. Buscamos a comunhão e a entre ajuda nessa extraordinária obra de arte que nossa geração está tentando construir. (GEBARA,1994. p.64)

Ivoni Reimer interpreta a vida e sua relação com a teologia com base em experiências com o sagrado, testemunhada em textos bíblicos a partir de um fazer teológico relacional, mais aberto e profundo apesar de todas as experiências de não-vida, de negação da vida, mas que em sua

¹ Universidade Federal da Paraíba; Pós – Graduação em Ciências das Religiões

² Benedita Aguiar Ferreira; benedtabeni@bol.com.br.

³ José Vaz Magalhães Neto; josevazneto@gmail.com.



expressão de força há experiências de alegria e esperança, mesmo vivendo em tempos de crise, questiona, faz revisões, nesta parceria com a teologia feminista:

Para mim, como biblista, teóloga e pastora, uma das grandes preocupações continua sendo o relacionamento multitransformador entre (re)leitura e realidade. Não me é difícil, por exemplo, desmascarar interesses machistas e dominantes em textos e teologias bíblicos, analisando-os histórica e socialmente, e atentando para suas influências seculares. Muito mais difícil é ver essa perspectiva e análise, cientificamente séria, tornando-se eficaz na vida e na práxis pessoais e comunitárias. Pois é ali, na vida, na comunidade, que nos deparamos com os/as multiplicadores/as, maiormente inconscientes da teologia dominante, secularmente elaborada nas faculdades e tornada frutífera mediante a atuação de pastores, padres e outras lideranças. Muitas vezes não é interesse de grupos comunitários fazer uma releitura crítica de suas tradições, também as bíblico-teológicas, porque isso é um processo doloroso, desestruturaste. (REIMER, 2000. p.36.)

Assim fazer teologia é um exercício que se torna parte da vida, da espiritualidade cotidiana. A prática de ler e reler, interpretar textos e histórias tornam – se sujeitos teológicos. Ler a Bíblia é colocar a própria vida em contato com outras vidas, perceber não apenas um amontoado de relatos organizados por alguns homens, mas analisar as diferentes histórias e testemunhos de vida, transmitidos por um coro de muitas vozes desafinadas entre si, em cores contrastantes, nem sempre harmônicas, mas nesta polifonia multicolorida perceber as vozes silenciadas e as cores apagadas, a fim de perceber experiências libertadoras.

Ao utilizar o paradigma lingüístico “experiências de vida” inaugura-se uma nova rede de dizeres possíveis tornando-se mediação histórica, necessária para uma compreensão do discurso como objeto da Análise do Discurso (objeto histórico - ideológico), que se produz socialmente através de sua materialidade específica (língua); prática social cuja regularidade só pode ser apreendida a partir dos processos de sua produção, não dos seus produtos.

O discurso é dispersão de textos e a possibilidade de entender o discurso como prática deriva da própria concepção de linguagem marcada pelo conceito de social e histórico com a qual a AD trabalha. (FERREIRA, 2005. p.5)

As teorias femininas são discursos opostos e alternativos aos de natureza teológica, por isso não são independentes dos discursos dominantes da sociedade e das instituições. Pelo contrario, se encontram entrelaçados e interligados aos discursos acadêmicos e religiosos por atuarem sobre a influência destas.

Por tanto as teorias feministas e teológicas devem ser entendidas como invenções discursivas e como luta em torno dos significados, da verdade, dos valores e das visões, assim a formulação de uma teologia feminista constitui não só uma intervenção intelectual, mas também política e religiosa.

Quando as teólogas feministas tomam a palavra e fazem revisões dos textos sagrados e propõe novas interpretações, criticam as organizações institucionais da Igreja, exigem uma mudança nas estruturas sociais, usando a teoria de análise do discurso como referência aos diferentes modos de estruturação das áreas de conhecimento e prática social. As teóricas desta



corrente de conhecimento tomam como paradigma teológico a teologia da libertação, neste campo do saber entram as teologias feministas das últimas décadas.

Essas mudanças sociais e culturais no uso da linguagem ocorrem com base na lingüística, desde então a teoria social atribui à linguagem um lugar central na vida social e sendo um processo de longas datas, primeiro na teoria marxista, Gramsci (1971) e Althusser (1971) enfatizam o significado da ideologia na reprodução social moderna, e outros como Pêcheux (1982), identificam o discurso como a forma material lingüística preeminente da ideologia.

Segundo Foucault (1979) ressalta a importância das tecnologias em formas modernas de poder e está claro que estas são exemplificadas centralmente na linguagem. Deste modo a elevação da linguagem e do discurso na esfera social reflete-se de maneira variada em trabalhos, por exemplo, sobre as relações de gênero, (Spender, 1980) ou a mídia (Van Dijk, 1985), que focalizam a linguagem, e na pesquisa sociológica que toma como dados a conversação (Atkinson e Heritage, 1984). (FAIRCLOUGH, 2008. p.24)

Desse modo Fairclough, em *Discurso e Mudança Social*, questiona se teoria e pesquisa reconhecem a importância da linguagem na vida social, se houve uma mudança significativa no funcionamento social da linguagem, alteração refletida na centralização da linguagem nas principais mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas.

A inserção de mulheres na interpretação da Bíblia cristã pode ser verificada desde o início dos tempos modernos e até antes deles. Mas o que queremos ressaltar aqui é que seus discursos como mudança social vem se destacando desde o século 19 e 20, geralmente no mundo acadêmico. Podemos descrever nestes discursos mudanças culturais autodirecionados assim, como as transformações nas práticas discursivas quanto aos movimentos de mulheres, de cunho moderno levantam suas vozes na sociedade e na igreja.

Mudanças são percebidas nas relações entre mulheres e homens na família no trabalho e no meio acadêmico, mudanças estruturais permitiram as mulheres encontrarem seu lugar, nas ciências teológicas e na práxis eclesial, constituindo-se novas práticas discursivas, na interpretação das Escrituras.

O que chama a atenção para uma preocupação cada vez maior com o controle do discurso, pois ao causar mudanças nas práticas discursivas, como parte da engenharia da mudança social e cultural estamos vivenciando a “tecnologização do discurso” (FAIRCLOUGH, 1990. p. 27).

Para o trabalho feminista de reconstrução da memória histórica, este posicionamento crítico das mulheres com o documento básico do cristianismo proporciona material sobre o qual podem ser construídas as reflexões hermenêuticas e metodológicas, em que a tecnologização do discurso, são aplicadas por uma variedade de organizações, por teólogas que pesquisam, redesenham e fornecem treinamentos em práticas discursivas.



Situando-se na interseção entre exegese e feminismo a “tecnologização” entra como hermenêutica feminista da Bíblia cristã do Primeiro e Segundo Testamento na sua auto-compreensão, caracteriza-se pela interpretação científico - histórica e científico - literária da Bíblia no âmbito geral da teologia cristã.

A exegese Bíblica é compreendida neste contexto como uma prestação de contas, em responsabilidade científica e relacionada com as experiências do “Povo de Deus”, sobre a fé à qual é dedicada a Bíblia como Testemunho da auto revelação de Deus.

Enquanto feminismo refere-se aos movimentos modernos de mulheres que procuram se libertarem da dominação jurídica e econômica dos “pais”, mas também da tutela psíquica e ideológica de homens, conforme, Dorothee Solle: Feminismo é a saída de mulheres da tutela e incapacidades impostas por outros e causadas por elas mesmas. (apund. SCHOTTROFF, 2008. p.39).

Com esta definição do feminismo este movimento, deve ser compreendido a parti da ciência feminista como fazer científico de mulheres que não perde de vista o objetivo ético pragmático de cada mulher, torna-se sujeito, assim, nas duas ultimas décadas, estudos teológicos feministas reavaliar explicações da vida social, apoiados nas experiências de mulheres, na critica a teorias sociais, estando ligados ao avanço e reivindicações dos movimentos feministas que eclodiram nas principais cidades brasileiras, conforme Ivone Gebara:

O feminismo da América latina é um feminismo fundamentalmente marcado por duas tendências. A primeira é mais popular e leva em consideração as preocupações práticas da vida cotidiana das mulheres pobres. A segunda é mais universitária e se dedica a repensar as ciências humanas a partir da contribuição feminista. Varias universidades da América Latina tem hoje a preocupação de integrar em seus diversos departamentos centros de estudos feministas: publicações e congressos estudam questões da atualidade a partir da ótica da mulher. (GEBARA, 2001. p. 3).

Neste contexto Ivone como teóloga feminista mostra seu engajamento nestas duas tendências, acrescentando ainda mais recentemente seu interesse ao feminismo ecológico, corroborando com sua preocupação com o planeta terra.

Constatar-se que nenhuma área das religiões instituídas deixou de passar pelo crivo critico do olhar feminista. No olhar das teólogas feministas essas mudanças no pensamento e na pratica das mulheres, produz uma ruptura que as afasta do pensamento institucional tradicional e as separa também da teologia da libertação, que continua ainda repleta de imagens masculinas de Deus.

A contribuição concreta da teologia feminista é enriquecida pela vivência concreta da ética, e das intencionalidades específicas, como as teologias negra, quem, e outras, assim como na interpretação da condição das mulheres dentro da Igreja ainda muito restrita, assim, Ivone Gebara é



uma das poucas religiosas que ousam desafiar publicamente preceitos católicos considerados obsoletos em determinadas circunstâncias.

Na produção teológica destas mulheres, Ivone Gebara e Ivoni Reimer, percebemos uma significativa luta para recuperar imagens femininas que foram encobertas pela escrita masculina na história do cristianismo, procuram dar visibilidade à atuação feminina num processo contínuo, de modo que as imagens de parcificidade, ociosidade e confinamento ao espaço do lar, sejam descortinadas nas esferas de influência das hierarquias cristãs, assim elas recuperam testemunhos femininos ocultados pelas instâncias de poder.

Elas que lutaram por uma participação mais efetiva através da experiência de fé, à luz de uma nova consciência, provocando muitas mudanças no pensamento cristão feminino, reorientando a prática religiosa, abrindo assim, espaço ao diálogo inter-religioso.

Percebe-se nos últimos dez anos que as mulheres, vêm conquistando seus espaços nas religiões, ao mesmo tempo em que tomam consciência da necessidade de estabelecer relações mútuas que favoreçam a convivência harmoniosa, neste caminho contamos com uma vasta produção destas teólogas, estabelecendo uma ponte para que todos sejam uma (o), a caminho da unidade. Neste clima de unidade, elas buscaram uma interação com outras religiões, envolvendo, leigos, sacerdotes, bispos, chefes das Igrejas Cristãs, pastores, monges, enfim toda a comunidade que partilha desta vivência.

O trabalho destas mulheres seria diminuir as distâncias entre as Igrejas e procurar caminhos pacíficos para solucionar as diferenças, promover o debate em torno das questões femininas, como o aborto, a questão da sexualidade, o encontro com o outro (a), outra cultura, outra religião ou até outra maneira de viver a religião.

Ivoni Reimer em sua vivência e leitura da Teologia Feminista destaca dois aspectos básicos para a compreensão desta no contexto de suas características “Femininas” e destacando, na abordagem de textos, o primeiro aspecto das ditas qualidades:

A Teologia Feminista insere-se num mais amplo e histórico movimento de articulação e organização de lutas por libertação de mulheres. Luta-se contra sistemas patriarcais de opressão, que se situam em âmbito político, cultural, eclesial, econômico, sindical... e que se expressam e são vivenciados no cotidiano de nossas vidas. Isso se reflete nas lutas por direitos trabalhistas, de planejamento familiar, de acesso à saúde, ao trabalho, à educação... Mas vai além, porque trabalha na dinâmica de um processo de conscientização, de percepção e crítica de estruturas de opressão dentro de sociedades machista-patriarcais. Movimentos feministas atuam, portanto, tanto em âmbito socioeconômico quanto político-cultural e estão presentes no Estado e no sindicato, nos partidos e nas igrejas, nas escolas, ruas e casas... Questionando e lutando contra estruturas de dominação, objetivam a construção de novas relações em todos os níveis. Esses movimentos, e também a Teologia Feminista, querem a libertação de mulheres das estruturas de opressão, incluindo crianças e outras minorias qualitativas, sem excluir a participação de homens nesse processo crítico-constitutivas. (REIMER, 2005. p. 17).



Neste discurso, percebemos que Ivoni rompe com padrões patriarcais, desenvolvendo uma consciência comum articulando a crítica feminista, tomando um posicionamento frente a crítica tradicional, buscando alternativas que pudessem representar os interesses e as sensibilidades femininas, gerando uma poderosa postura crítica das teólogas feministas, neste campo entram mulheres como Ivone Gebara, Agostinha Vieira, Ana Flávia Gorgulho, Ana Maria Tepedino, Tereza Cavalcanti e Maria Clara Bingemer entre outras.

O segundo aspecto está relacionado com a experiência cotidiana, como fonte e reflexão teológicas, sendo um processo de conhecimento, com autoridade nos processos decisórios de exercício de cidadania.

Este cotidiano é como uma rede ou um tecido, no qual se cruzam diversos mecanismos de desigualdades de gênero, sociais, econômicas, culturais, religiosas, étnicas e de idade. (REIMER, 2005. p. 10)

A autora Reimer realça em seu discurso a questão do cotidiano, isso implica dizer que a vida é o princípio e o referencial de uma teologia feminista, é a experiência marcada por conflitos, por relações desiguais entre gêneros, classes, e raças, partindo da experiência plural, onde se dão as opressões e a exclusão das mulheres, mas que articula um grande poder de resistência das mulheres, por isso ela resgata a importância concreta dos corpos históricos, lindos e dilacerados, ardentes por relações amorosas, mas que também sofrem múltiplas formas de violência. (REIMER, 2005. p. 12).

A experiência das mulheres é marcada pelas diferenças biológicas e genéricas, assim a teoria de gênero entra como categoria de análises, para entender que essas diferenças genéricas não são “naturais”, mas que, num processo histórico, cultural, se aprende o que determinada cultura prescreve, como norma da identidade. Portanto, se são características construídas e aprendidas nos processos de socialização, são passíveis de mudanças, são cambiáveis.

Deste modo, Ivone Gebara fundamenta seu discurso na categoria de gênero, incluindo especialmente duas dimensões interligadas.

A primeira afirma que a realidade biológica do ser humano não é suficiente para explicar o comportamento diferenciado do masculino e do feminino em sociedade. Por isso o conceito de gênero é introduzido para afirmar algo mais amplo que o sexo. O gênero é um produto social aprendido, representado, institucionalizado e transmitido de geração em geração. Num sentido preciso, torna-se homem ou mulher depende de certas construções culturais e sociais. (GEBARA, 2001. p. 38).

O segunda dimensão está ligado à noção de poder:



Constata-se que o poder é distribuído de modo desigual entre os sexos, às mulheres ocupam em geral posições subalternas na organização mais ampla da vida social e também nas religiões no Ocidente. (GEBARA, 2005. p.39).

É importante ressaltar, que do ponto de vista das ciências sociais, a introdução da mediação de gênero modificou conceitos e ideologias já consagrados.

O conceito de gênero abre possibilidades novas de pensar o relacionamento entre mulheres e homens, para escapar da imposição de um modelo único e permanente, que não poderia mudar porque teria como fundamento características biológicas estabelecidas pela natureza.

Assim, as mulheres perceberam que não poderiam mudar esta situação de desigualdade transformando apenas a sua situação, mas é indispensável mudar também a situação do homem. Entretanto a utilização do conceito de gênero vem justamente indicar isso, pois não se trata de uma simples mudança de palavras, mas de um deslocamento no próprio conteúdo do conceito.

Para isto, as teólogas feministas propõem criar um novo conceito de masculino e feminino num contexto de liberdade, igualdade e participação. E assim, criam novas relações entre ambos, ao nível das experiências concretas que vão se fazendo, a partir de práticas novas que vão acontecendo entre mulher e homem.

No entanto, no poder institucional persiste o sexismo, as mulheres continuam a receberem salários inferiores, embora tenham um nível superior, continuam tendo menor poder social e ainda continua como prioritária sua responsabilidade na educação dos filhos. A dominação masculina continua a ser a norma e o discurso dominante persiste em acentuar a pressão da maternidade como explicação para a desigualdade.

O feminismo enquanto movimento político que tenta ultrapassar a opressão das mulheres, impulsionou muitos estudos que procuravam identificar as fontes das desigualdades associadas ao sexo/gênero, assim como a melhor forma de combater-las. Por isso seus efeitos fizeram-se sentir no domínio de conhecimento de muitas disciplinas, como por exemplo, na filosofia, na sociologia, na antropologia assim como na psicologia. (NOGUEIRA. 2005. p. 8).

Na teologia ao se utilizar a categoria de gênero, como salienta, Gebara e Reimer em suas reflexões introduzem esta mediação como critério para uma hermenêutica feminista, tendo a experiência da vida cotidiana, marcada por diferentes conflitos, por relações desiguais entre gêneros, classes e raças. É nesta experiência plural, onde se dão as resistências contra toda exclusão.

Verificamos como as teólogas referidas vêm desenvolvendo um trabalho pastoral dentro da perspectiva de gênero, e da teologia Feminista e observamos alguns avanços na luta em defesa da vida e dos direitos dos excluídos e excluídas a assim verificamos um retorno à teologia ecumênica e da libertação nascendo dos movimentos populares em defesa da vida e dos direitos de gênero.



Resgatam ainda a corporeidade como referencial epistemológico, verificando as marcas da história da teologia encravada no corpo das mulheres.

Neste sentido Gênero e Ecologia tornam-se mediações para a compreensão e interpretação do mundo e do ser humano, “o masculino não pode ser sinônimo de humano e de histórico e o ecológico não pode mais ser considerado um objeto da natureza a ser estudado e dominado pelo homem”. (GEBARA, 1997, p.68).

Na hermenêutica a partir do corpo, que foi na história o espaço de maior opressão feminina. A teologia feminista diz que não é possível fazer teologia abstraindo-se dos corpos e da sexualidade das mulheres. Pois é justamente aí que começa a exclusão sobre a personalidade feminina.

Na sexualidade conflui desde os problemas de injustiça na divisão do trabalho até a dominação masculina que priva as mulheres da liberdade de decisão sobre seus corpos, assim a apropriação religiosa da sexualidade feminina estar na visão negativa da corporeidade. Como salienta Gebara em seu discurso:

Reconheço a opressão social, cultural e religiosa das mulheres. É a partir de questões precisas, levantadas no contexto latino-americano que minha reflexão feminista vem sendo elaborada. Reconheço a importância do feminismo, apesar de todas as suas contradições, como um movimento social e político que visa o estabelecimento das relações de igualdade e de justiça entre homens e mulheres. Reconheço a importância de suas análises e dos instrumentos hermenêuticos utilizados para compreender melhor o sistema de dominação de um sexo sobre o outro. (Gebara, 2002. p. 34)

A interpretação da visão hierárquica eclesial, muitas vezes fruto da reflexão dos homens ligados às Instituições Religiosas, não reflete a inclusão da mulher nos cultos e missas e não correspondem ao que elas sentem e às suas reivindicações, quer em teologia, quer no interior das Igrejas. Percebe-se que as diferenças estão integradas num discurso igualitário, abstrato e global, mas que visa tão somente desautorizar a atuação.

Em suas práticas se confirmam a opção pelos pobres o engajamento com as lutas pela libertação das mulheres, denunciando o androcentrismo nas concepções religiosas e nas suas concreções institucionais, a partir da hermenêutica crítica dos textos e tradições sagradas e integrando no seu pensamento em diversas dimensões da cultura e da realidade humana: racional, celebrativa, ética, lúdica, estética, intuitiva, pedagógica, comunitária, ecumênica. Não é uma teologia só de mulheres, mas de homens e mulheres que transformaram seu pensamento pelo caminho da alteridade, berço da utopia de uma nova sociedade, sem opressores (as) e sem oprimidos (as), sem dominados (as), sem excluídos (as).

REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.



FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

NOGUEIRA, Conceição. Cord. Marques, Magalhães, Silva. **Um olhar sobre os Feminismos – pensar a democracia no mundo da vida**. Porto: Umar, 2003.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

REIMER, Ivoni R. **Vida de mulheres na sociedade e na igreja**. – Uma exegese feminista dos Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas. 1995.

REIMER, Ivoni R. **Grava-me como selo sobre teu coração** – Teologia Bíblica Feminista. São Paulo. Paulinas. 2005.